

o sr. popular  
série queen's cove | livro 1  
stephanie archer

Tradução de Rita Pires

*Para o Tim*



## Capítulo 1

# Avery

— **A**very, a mesa quatro não gosta das entradas e todos querem falar com o gerente.

Desviei o olhar da secretária do meu pequeno escritório. O *barman* do restaurante, o Max, encostou-se à ombreira da porta vestido com as calças de ganga e *t-shirt* pretas que os empregados de mesa usavam sempre.

— Há algum problema com a comida? — perguntei. Não costumávamos receber reclamações. O nosso *chef* era incrível. O pessoal da cozinha formava uma ótima equipa. Todos os funcionários eram do melhor que há, desde os empregados de mesa, aos *mâitres*, a quem lavava os pratos. Eu contratara a maioria.

O Max abanou a cabeça.

Recostei-me na cadeira.

— Turistas?

Ele acenou.

Levantei-me.

— Não faz mal, eu trato disto.

— Vais oferecer-lhes a refeição? — Ele deu-me passagem e seguiu-me do escritório até ao restaurante.

Sorri-lhe por cima do ombro.

— Claro que vou.

— Porquê?

Mesmo antes de virar a esquina para o restaurante, parei. Contratei o Max no verão anterior como empregado de mesa e apercebi-me de que o nosso *barman* lhe ensinava a fazer várias bebidas depois de o restaurante fechar. Com pouco mais de vinte anos, o Max tinha montes de energia e muita vontade de aprender, por isso, eu pedira ao *barman* que passasse alguns minutos a treiná-lo nas diferentes funções até que o Max conseguisse fazer turnos completos atrás do balcão. Nunca admitiria isto ao resto da equipa, mas o Max era o meu favorito. Era incrível com os clientes, toda a gente gostava de trabalhar com ele e interessava-se genuinamente por aprender como funcionava o restaurante. Hoje, viera ajudar com algumas mesas.

— Max, o nosso objetivo é proporcionar uma experiência agradável a todos os clientes que passam por aquela porta. É aqui que as pessoas vêm para fazer uma pausa, para celebrar, para se encontrarem com velhos amigos ou para experimentar um novo prato.

No corredor antes da sala de refeições, já conseguia ouvir o zumbido acolhedor do ambiente do restaurante, cheio de pessoas a comer, conversar e rir.

Esse som? Tornava o meu coração feliz. Fazia-me sentir que estava a fazer algo de bom para o mundo.

— Queremos que cada pessoa que entre por aquela porta tenha a melhor refeição de sempre quando visitam Queen's Cove, e se eu perder umas centenas de dólares para lhes oferecer a refeição — encolhi os ombros —, por mim está tudo bem. Não vale a pena irritar os clientes.

As centenas de dólares perdidas não eram minhas, uma vez que o restaurante não era meu. Eu era só a gerente. Talvez um dia.

Ele ergueu uma sobrancelha e eu sorri pelo seu ceticismo.

— Talvez eles sejam arrogantes — disse-lhe —, ou talvez estejam apenas a ter um dia mau. Se calhar tiveram um furo a caminho da cidade, chegaram tarde ao hotel e estão esfomeados. — Ofereci-lhe o meu sorriso mais convincente. — Podemos tornar o dia deles melhor. Vamos matá-los com simpatia. — Semicerrei os olhos. — Vamos *enterrá-los* com as nossas personalidades encantadoras.

— Isto é mórbido. Levas sempre esta analogia demasiado longe.

— Assim que eles perceberem como somos dedicados? — Pousei o punho no peito em agonia fingida. — Vão rolar pela porta fora dentro de sacos de cadáver.

Ele apontou para mim.

— Pois, cá está. Muito bem, tu é que mandas. Obrigado por tratares disto.

— Sempre às ordens. Estou aqui para ti. — Dirigi-me ao restaurante, assimilando a casa cheia.

Passava pouco das oito da noite e todas as mesas estavam cheias. O restaurante tinha vista para o porto de Queen's Cove. Numa noite limpa, o pôr do sol pintaria o céu de cor-de-rosa, laranja e amarelo brilhantes, mas hoje nuvens pairavam e a chuva começava a pingar. Estivera sol o dia todo, mas de vez em quando estas tempestades de verão apareciam. Mordi o lábio, olhando à minha volta para o restaurante cheio. Com sorte, esta será uma noite com pouca chuva e sem vento.

— Olá, sou a Avery Adams, a gerente do Arbutus. — Apresentei-me à família de quatro com cara triste. Os dois rapazes estavam amuados e inquietos, um deles tentava puxar o cabelo do outro, e tinham a expressão de quem acabara de ser repreendido. — Deixem-me tirar estes pratos da vossa frente.

Entreguei os pratos a um empregado de mesa e depois coloquei folhas para pintar e lápis de cor na mesa, em frente dos meninos. Eles pararam imediatamente de lutar um com o outro e viraram-se para as folhas.

Os pais tinham quase quarenta anos e, tal como eu suspeitava, pareciam estar exaustos e irritados. Ambos os seus maxilares estavam cerrados como se esperassem uma luta.

— Lamento imenso que as vossas refeições não estivessem como esperavam. Uau — disse eu quando o meu olhar se fixou no ombro vermelho-vivo da senhora —, esse escaldão parece doloroso. Posso trazer-lhe um pouco de aloé vera?

Ela piscou os olhos e a sua irritação desvaneceu um pouco.

— Hum, pode ser. — Hesitou — Parámos numa loja, mas estavam fechados.

Ela fez cara feia e apontou para o exterior, onde a chuva começava a cair com mais força.

— E agora começou a chover nas nossas férias.

— Eles fecharam mais cedo hoje porque é o aniversário de casamento do dono. Eu arranjo-lhe um pouco de aloé vera, mas, entretanto, há mais alguma entrada em que estejam interessados? Hoje é por nossa conta, pelo inconveniente — disse eu com um sorriso doce.

O marido pestanejou confuso antes de verificar a ementa.

— Estávamos a pensar que devíamos ter pedido as pizzas. A *margherita* e a de almôndegas.

Eu acenei.

— Ótimas escolhas. Querem beber alguma coisa? O *gin* de amora é a

nossa bebida do dia. Uma destilaria da zona produz o *gin* e as amoras são locais e biológicas.

A mulher acenou, olhando para os filhos do outro lado da mesa, ocupados a pintar e, o mais importante, calmos.

— Isso seria maravilhoso.

— Claro que sim. Vamos fazer com que tenham umas boas férias, sim?

Anotei o pedido deles num papel, entreguei-o à cozinha e ao bar, e voltei para o meu escritório para ir buscar as garrafas em tamanho de viagem de aloé vera guardadas no minifrigorífico. O Max rira-se de mim quando as vira, mas parara de rir ao perceber, uma e outra vez, como uma pequena e tola embalagem de aloé vera podia animar as suas mesas.

— Leva isto à mesa quatro, pode ser? — pedi-lhe quando ele passou por mim. — E oferece-lhes a comida e a bebida.

Ele apontou o polegar para cima e continuou a andar.

— Obrigada, Max — gritei-lhe.

Observei-o da ponta do restaurante a entregar a embalagem de aloé vera à mesa. Os ombros da senhora relaxaram com alívio. Eu e o Max trocámos um «mais-cinco» discreto, e depois ele voltou para o bar. Eu adorava animar os clientes desta maneira. Quando me dirigi à mesa, eles estavam cansados e rabugentos, mas agora o casal ria-se e conversava, os filhos coloriam concentrados e as suas férias estavam bem encaminhadas. Animara-lhes a noite. Adorava o meu trabalho.

Analisei o restaurante. Esta noite, havia uma mistura de locais e turistas. Os donos da loja de conveniência estavam no seu jantar de comemoração na mesa dois. A diretora da escola primária e o marido encontravam-se na mesa seis. O presidente da Câmara, a mulher e os dois filhos estavam na mesa oito. A sua família era sempre educada, simpática e bem-comportada. As crianças nunca queriam pintar, sentavam-se apenas em silêncio e sorriam a toda a gente como pequenos anjos. Assustavam-me.

O dono de uma loja local de materiais de construção sentara-se na mesa onze com um dos seus clientes. Ri para mim mesma, vendo Emmett Rhodes bajular, sorrir e encantar toda a mesa. Emmett era o Sr. Popular, conhecia toda a gente na cidade, metia-se na vida de todos e sabia bem que era atraente.

Na mesa doze estava o dono de alguns restaurantes da zona, o Chuck, e a sua mulher. A mulher dele olhava para a comida com desdém e Chuck observava o sítio, tomando notas num caderno. Revirei os olhos. Tinha alguns conselhos para lhe dar, mas ele não os ouviria.

Os restaurantes que o Chuck tinha eram para os turistas porque os locais

sabiam o que a casa gasta. A comida não era horrível, só que parecia ser descongelada e reaquecida. Mas nem mesmo isso era o suficiente para merecer o meu desprezo. Era a forma como tratava os funcionários. Os homens vestiam *t-shirts* e calças de ganga pretas, tal como aqui, no Arbutus, mas as mulheres eram obrigadas a usar minissaias, camisolas com decote e saltos altos. Saltos, durante turnos de oito horas a servir às mesas. Só de pensar nisso já tinha o sangue a ferver. Ele contratava miúdos acabados de sair da escola, ingénuos ou que não tinham outra escolha, por isso aguentavam. Também se dizia que ele lhes ficava com uma parte das gorjetas.

— A mesa doze está a dar-te problemas, esta noite? — perguntei ao Max enquanto ele abanava um *shaker* de *cocktails*.

— Não. Têm estado muito bem-comportados.

— Ótimo.

Vi o Chuck olhar para o candelabro. O que estava ele a tramar?

Eu era gerente do Arbutus há dois anos, mas já aqui trabalhava há cinco, desde o dia em que cheguei a esta pequena cidade costeira de Queen's Cove. Situada na Ilha de Vancouver, no Canadá, entalada entre o Oceano Pacífico e a floresta tropical do Noroeste Pacífico, esta pequena cidade tem dois mil habitantes, mas devido às suas praias de cortar a respiração, florestas densas e cheias de musgo, ambiente de uma cidade pequena descontraída e o melhor *surf* do país, recebe mais de um milhão de turistas durante os meses do verão. Estávamos no início de maio e os turistas começavam a chegar aos poucos. Em julho, estaríamos a todo o gás.

Eu nasci e cresci em Vancouver, mas Queen's Cove era agora a minha casa. Há cinco anos, vim para cá passar férias sozinha e, depois de ter comido um bom jantar no restaurante com a melhor paisagem, apaixonei-me. Janelas gigantes com vista para a baía e a praia pitorescas. Os soalhos de carvalho e os tetos abobadados, com as vigas originais. Uma ementa moderna, despretensiosa e deliciosa, com ingredientes locais. Uma atmosfera de calor, comunidade e conforto. Eu mencionei os tetos abobadados, certo? Acalma-te, meu coração. Apaixonei-me loucamente. A dona, Keiko, percebeu como eu fiquei encantada. Começámos a falar e, de repente, ofereceu-me um emprego a servir às mesas.

Eu não era uma pessoa impulsiva. Não fazia grandes mudanças sem ponderar cuidadosamente e balançar todos os prós e contras, mas, por algum motivo, esta parecia acertada, por isso regresssei a Vancouver, fiz as malas e voltei para Queen's Cove.

Trabalhei muito no restaurante. Dei tudo neste trabalho, mesmo quando

era apenas empregada de mesa. Havia algo no restaurante que me fazia sentir em casa. Talvez fosse porque os pais da Keiko o abriram quando se mudaram para o Canadá, quando ela era pequena. Este sítio tinha história. Se calhar era porque o restaurante dos meus próprios pais falhara catastroficamente e este era o restaurante bem-sucedido de que eu sempre quis fazer parte. Ou então era porque eu adorava a atmosfera, porque adorava fazer os clientes felizes e contribuir para a comunidade.

Os pais da Keiko abriram o restaurante nos anos setenta. Fizeram tudo por este lugar, disse-me ela. Ela cresceu aqui, tal como eu cresci num restaurante, só que o dos pais dela foi um sucesso. Eles faleceram alguns anos antes de eu vir para a cidade e nunca tive a oportunidade de os conhecer, mas os locais contavam-me histórias de quando os pais dela trabalhavam no restaurante, dando as boas-vindas aos clientes, verificando o valor em caixa e varrendo o chão, mesmo quando já tinham noventa anos. O Arbutus era o resultado do trabalho árduo de duas gerações.

Um dia, seria meu. Andara a poupar cada dólar que me sobrasse há anos para conseguir comprar este sítio. Desde pequena, sempre soube que seria dona de um restaurante. Apaixonei-me pela azáfama constante dos funcionários, pelos risos e os aromas da comida que deixavam água na boca. As pessoas vinham ao restaurante para celebrar, para conversar com velhos amigos e para se apaixonarem, e eu podia assistir a tudo. O restaurante dos meus pais não funcionou, assim como o seu casamento, mas o Arbutus era a minha oportunidade. Nunca iria arruinar a minha vida como eles o haviam feito.

Quando a Keiko estivesse pronta para vender, eu compraria este restaurante. Não queria ser apenas a gerente, queria ser a dona. Queria algo que fosse todo meu, algo em que pudesse tomar as decisões finais, algo pelo qual pudesse ser responsável. Queria continuar o legado da família dela e construir o meu próprio. Uma coisa tangível que mostrasse que a Avery Adams estivera aqui na Terra. A Keiko era uma chefe simpática e compreensiva — ela ensinou-me tudo o que sabia e confiou em mim, mas não era o mesmo que ser eu a dona do restaurante. Até lá, continuaria a poupar cada dólar que me sobrasse.

Para lá da porta de entrada estava o que dava o nome ao restaurante, um medronheiro<sup>1</sup> de tronco torcido e vermelho. Os medronheiros eram originários da Costa Oeste e, nos meus passeios pela cidade para ir buscar café ou para me encontrar com a minha amiga Hannah na sua livraria, era frequente cruzar-me com turistas a tirar fotografias à frente deste. Sempre me fez sorrir.

---

<sup>1</sup> *Arbutus tree*, no original. (N. de T.)

Os medronheiros não eram a única coisa que tornava Queen's Cove única. Era o ar daqui, o ar que corria diretamente do oceano para a nossa pequena cidade. Era a forma como toda a gente tomava conta uns dos outros, como os residentes guardavam ferozmente a integridade da cidade. Não eram permitidas cadeias de lojas nem *franchises*, apenas negócios geridos pelos locais. A cidade era perfeita? Nem pensar. Havia buracos nas estradas, alguns passeios estavam a desmoronar-se e as tempestades muitas vezes derrubavam os abetos imponentes, causando falhas de energia. Havia uma estrada para entrar e sair da cidade, por isso se houvesse acidentes com derrocadas na autoestrada, ficávamos presos. Se houvesse nevoeiro do porto e se os hidroaviões não conseguissem descolar? Ficávamos encalhados.

— Está a ficar ventoso lá fora — murmurou o Max enquanto andava de um lado para o outro atrás do bar, preparando bebidas.

Encostei-me ao bar e observei as ondas a rebentar na costa, lá fora. *Vá lá, tempo*, implorei na minha cabeça. *Aguenta-te por mais umas horas, só até fecharmos.*

— Posso trazer-te alguma coisa? — perguntei-lhe, cirandando atrás do longo bar de madeira.

Ele olhou para os tabuleiros atrás do balcão.

— Limões, por favor.

— É para já.

A meio caminho do corredor para a despensa, as luzes começaram a falhar. Parei de andar e suspirei. As luzes tremeluziram de novo com desalento antes de se apagarem. Alguém no restaurante gritou e eu voltei para a área de refeição principal.

— Ora bem, oiçam todos — disse com uma voz calma e tranquilizadora. O Max estava ocupado a acender velas no bar e a colocá-las em lanternas, e os empregados de mesa apressavam-se a levá-las às mesas. — O vento provavelmente derrubou uma árvore e a energia falhou. Por favor, permaneçam sentados enquanto acendemos algumas velas e, entretanto, aproveitem o ambiente.

Virei-me e esbarrei contra o peito forte do próprio Sr. Popular, Emmett Rhodes.

— Olá, Adams. — Ele fez-me um sorriso.

Irritação arrepiou-me a parte de trás do pescoço e tirei outro isqueiro de baixo do bar.

— Estou ocupada — disse-lhe sem olhar para ele, concentrada em acender as velas ao lado do Max.

Pelo canto do olho, vi o seu sorriso crescer.

— Precisas de ajuda? Sou ótimo em alturas críticas.

Revirei os olhos. O ego deste tipo não tinha limites. Fiquei surpreendida por ele ter conseguido passar pela porta esta noite. Ofereci-lhe um sorriso forçado e profissional.

— Isto não é uma altura crítica, é só uma falha de energia. Por favor, volta para a tua mesa e aproveita a refeição.

Eu estava muito ciente do Max ao meu lado, colocando velas nas lanternas e a escutar.

O Emmett encostou-se ao bar.

— O que fazes hoje à noite?

Soltei uma gargalhada incrédula.

— Outra vez? A sério? Eu não te incomodo quando estás a trabalhar.

O sorriso dele alargou-se.

— Incomodar? Eu não te estou a incomodar. Sou demasiado bem-parecido para ser um incómodo.

*Respira fundo*, disse a mim mesma.

— Emmett.

Ele levantou a mão.

— Está bem, está bem. Vou voltar para a minha mesa.

O Emmett afastou-se e o meu olhar seguiu a sua figura alta.

No primeiro dia em que conheci o Emmett Rhodes, ele deu com os pés a uma rapariga à minha frente com zero remorsos. Ele viera ao restaurante para uma refeição rápida e sentara-se ao balcão. Uma mulher da minha idade reparou nele e esgueirou-se para o banco ao seu lado, inclinando-se na sua direção e olhando para ele com uma afeição tão profunda que, quando eu vi a expressão hesitante e desconfiada no rosto dele, o meu coração sofreu.

— Olha, Heather — dissera-lhe ele. Eu estava de costas no bar e não consegui evitar ouvir —, tu és incrível, mas eu simplesmente não estou interessado nesta coisa toda. Divertimo-nos, mas não vamos fazer disto mais do que precisa de ser.

Ela ficara em silêncio por um segundo.

— O quê?

— Eu só não sou assim — dissera-lhe ele —, é melhor desta forma. Eu não faço a cena de mulher e filhos.

Ele era uma daquelas pessoas que se conseguia ouvir do outro lado da cidade, sempre a falar, a rir, a cumprimentar toda a gente que via. *Um pintas*, é o que é. Enquanto eu tinha um círculo pequeno de amigos, este tipo

era amigo de todas as pessoas da cidade. Ele sabia tudo sobre toda a gente. Sempre que eu passava por ele na mercearia ou na rua, ele estava a fazer conversa sobre a vida de alguém ou a perguntar como estava o filho dessa pessoa. Parecia-me não ser sincero, como se houvesse um motivo qualquer.

Ao meu lado, o Max aclarou a garganta com um pequeno sorriso nos lábios.

— O que foi? — perguntei-lhe de sobrancelhas erguidas.

Ele conteve um sorriso, mas não disse nada enquanto colocava a vela na lanterna seguinte.

— Não comeces — avisei.

— Eu não disse nada. — Ele acendeu mais uma vela. — Mas sem dúvida que gostas de discutir com ele.

Fiquei boquiaberta.

— Foi ele que começou. É sempre ele a começar.

O Max fez-me um olhar conhecedor.

— Hum.

Fui atravessada por desdém só de pensar em estar romanticamente interessada no Emmett. Já vira como o Emmett era com as mulheres — sedutor, amigável, charmoso e engraçado. Ele sabia o que fazia. E por múltiplas vezes no meu restaurante, eu vira-o relembrar as mulheres de que ele não era o homem que elas queriam que fosse. Ele persuadia-as e depois despachava-as quando se fartava delas.

O meu pai era assim. Ele era o melhor amigo de toda a gente até mudar de ideias e desaparecer. Era a estrela mais brilhante na sala, a pessoa com quem toda a gente queria falar e conviver. Quando estava bem-disposto, levava todos com ele, rindo, conversando e elogiando as pessoas, alegrando o seu dia. Quando estava de mau humor, caía em cima de toda a gente por perto e arrastava todos com ele.

Apostaria todas as minhas poupanças em como o Emmett era como o meu pai.

Antes de eu poder responder, o Max pegou em duas lanternas e levou-as. Eu ri comigo mesma antes de voltar a olhar para a mesa do Emmett, onde ele estava imerso numa conversa com o seu cliente. Olhou para cima e entreolhámo-nos antes de ele me piscar o olho.

Revirei os olhos de novo e voltei para as lanternas.

Eu não conhecera o Emmett Rhodes na escola secundária, mas ouvira tudo sobre ele. Quebra-corações, mulherengo, Casanova — apenas alguns dos nomes que as pessoas usavam para o descrever nessa altura. Eu acreditei.

O tipo tinha mais de um metro e noventa, era magro, mas musculado, com pele morena, cabelo escuro, que mantinha curto e estiloso, e um maxilar definido. Os seus olhos eram cinzento-claros, tal como os de todos os homens da família Rhodes. Podia ter sido modelo para anúncios de perfume se quisesse. Fazia com que o que quer que vestisse parecesse de marca. Esta noite, usava calças de ganga preta estreitas, botas de couro castanhas e uma *t-shirt* branca, mas parecia saído do catálogo dos Red Wing Shoes. Ele era um anúncio de roupa ao vivo, já que tudo lhe ficava extremamente bem.

Não que eu estivesse interessada. Sim, o tipo era um sócia do Henry Cavill, mas eu não estava à procura de alguém de quem eu não me conseguia aproximar sem revirar os olhos.

O Emmett Rhodes era o que acontecia quando um homem crescia sendo demasiado atraente. Ele pensava que tinha o mundo na ponta dos dedos. Eu passara os últimos cinco anos a evitar o Emmett Rhodes.

Ele gostava de fazer este pequeno jogo em que me convidava para sair e eu dizia sempre que não. Fazia isto há anos. Ele não gostava de mim. Ele gostava de andar atrás de mim. Só se metia comigo por eu ser a única pessoa da cidade imune a ele.

Uma das chamas das velas queimou os meus dedos quando a colocava na lanterna e eu praguejei baixinho. Nada de pensar no Sr. Popular, eu tinha um trabalho para fazer.

Em poucos minutos, a suave luz das velas iluminava o restaurante.

— Precisamos de um gerador — disse-me o Max.

— Arranja-me o dinheiro — respondi. — Estamos a trabalhar com o que temos. — Inclinei o queixo para ele. — Eu tomo conta do bar. Sabes o que fazer.

Ele sorriu e saiu de trás do bar, atirando-me o seu avental. Passei os olhos pelos recibos dos empregados de mesa e comecei a fazer um *whiskey sour*. Os empregados deixavam mais pedidos de bebidas e entregavam os últimos pratos da cozinha às respetivas mesas. No canto do restaurante, o Max sentou-se e equilibrou a guitarra sobre o joelho. Começou a tocar e os clientes observavam e escutavam com pequenos sorrisos no rosto. Peguei no telemóvel, tirei disfarçadamente uma fotografia dele a tocar e publiquei-a nas nossas redes sociais.

*A energia falhou, mas nada nos impede de ter uma ótima noite no Arbutus.* Escrevi a legenda e cliquei em *publicar* antes de guardar o telemóvel no bolso e voltar ao trabalho com as bebidas.

No verão, a energia falhava uma vez por mês, mas no inverno as falhas

de energia ocorriam pelo menos uma vez por semana. Não podíamos fechar o restaurante sempre que não havia eletricidade ou estaríamos falidos, por isso, nos últimos anos, descobri formas de nos manter abertos. Não há música? O Max era músico, e muito bom. Não há luz? Velas pelo restaurante e candeeiros a gás nas cozinhas. A nossa cozinha tinha fogões a gás por isso podíamos acabar o serviço de cozinha. Por não sabermos quanto tempo as falhas iam durar e não querermos que a comida para uma semana se estragasse, mantínhamos poucas reservas no frigorífico e no congelador. De qualquer modo, o Arbutus regia-se pela comida fresca e local, portanto isto não era um problema.

Fazíamos com que funcionasse. Independentemente do que acontecesse, fazíamos sempre com que funcionasse.

Horas depois, quando o último cliente saiu, os empregados de mesa contaram as suas gorjetas, o Max arrumou a guitarra e eu virei as cadeiras para cima das mesas enquanto a equipa saía. Velas iluminavam o espaço nas suas lanternas e eu andava às voltas no restaurante vazio, arrumando, varrendo e terminando tudo. Há pessoas que não gostariam de ficar aqui sozinhas até tão tarde, mas eu não queria estar em nenhum outro lugar. Pela noite dentro, quando tudo estava silencioso e sossegado, era quando mais me sentia em casa. O sítio encantador parecia ser meu nesses momentos.

Um dia, quando tivesse dinheiro suficiente e a Keiko estivesse preparada para vender, o Arbutus seria o meu restaurante. O meu legado. A história de sucesso que a minha mãe nunca teve.

Uma batida suave na porta afastou-me dos meus pensamentos. Já passava da meia-noite e estávamos fechados, mas talvez alguém se tivesse esquecido do telemóvel ou da carteira debaixo de uma mesa.

A cara sorridente da Keiko espreitou pela porta de vidro. Usava a sua gabardina amarela e acenou-me alegremente.

— Olá, o que estás a fazer aqui tão tarde? — perguntei e abri a porta. — Tens uma chave. Não precisas de bater.

Ela seguiu-me para dentro e trancou a porta.

— Não te quis assustar. Sabia que ainda estarias aqui.

— Queres beber alguma coisa? Posso pôr água a aquecer.

— Isso seria ótimo.

Ela fez-me um ligeiro sorriso enquanto puxava um dos bancos do bar para baixo.

Na cozinha, enchi a chaleira e coloquei-a no fogão sob a luz quebradiça das lanternas. Não era costume a Keiko visitar-me, mas eu aproveitava os

momentos que tinha com ela, só nós as duas. Os meus antigos chefes não tinham tempo nem interesse de me ensinar como funcionava o negócio, mas a Keiko colocou-me debaixo da asa e ensinou-me tudo o que sabia. Quando eu comecei a trabalhar como gerente e ela viu que eu tinha as coisas sob controlo, começou a afastar-se do negócio. A filha dela acabara de ter um bebé, por isso a Keiko passava por vezes várias semanas em Vancouver, a visitá-la. Eu continuava a enviar-lhe relatórios mensais da contabilidade do restaurante, apesar de ter dúvidas de que ela os continuasse a ler.

Voltei com as nossas chávenas de chá.

— Então, o que te traz ao nosso belo estabelecimento esta noite?

— Obrigada — disse ela, aceitando a chávena e soprando o vapor flutuante de cima dela. — Queria conversar contigo sobre uma coisa.

— Está tudo bem? — Franzi as sobrancelhas e sentei-me no banco ao lado dela. — Tu estás bem?

Ela acenou com a cabeça.

— Não te preocupes, está tudo bem, ninguém morreu e eu estou tão saudável como um adolescente.

— É de todo o ioga que fazes.

— Todos os dias. Estou a pensar em fazer a formação de instrutora.

— Oh, a sério? Vais ser instrutora de ioga? — perguntei com um grande sorriso a espalhar-se pelo meu rosto. A Keiko seria uma instrutora de ioga perfeita, com a sua presença calma e tranquilizadora.

Ela abanou a cabeça.

— Não, é só divertido manter-me ocupada e continuar a aprender. Algo de novo. — Ela respirou fundo e acariciou a minha mão. — Por falar em algo de novo.

As minhas sobrancelhas dispararam.

— Hum?

Ela hesitou, como se não soubesse que palavras usar.

— Acho que é altura de me mudar para Vancouver para estar com a Layla e o bebé.

Pisquei os olhos, parando por um momento para digerir isto.

— Mudar-te. Uau.

Queen's Cove ficava a três horas de Victoria, a maior cidade da Ilha de Vancouver, e depois a outras três horas da casa da Layla por *ferry* e pela autoestrada.

— Acho que faz sentido. De certeza que é uma chatice andar para trás e para a frente no *ferry* a toda a hora. — Desanimei um pouco, abalada por ver

a Keiko ainda menos. — Vamos sentir a tua falta por aqui. Vais ficar em casa da Layla?

Ela bebeu um gole de chá e abanou a cabeça.

— Não, na verdade, uma moradia no bairro dela acabou de ficar à venda e eu gostava de a comprar.

— Uau, que sorte — disse-lhe —, a casa da Layla é bastante pequena, não é?

Ela acenou com a cabeça.

— Dois quartos. É demasiado pequena para eu ir para lá morar. — Ela mostrou-me outro dos seus sorrisos suaves e pressionou os lábios, observando-me. Algo na expressão da Keiko me disse que ela ainda não tinha terminado.

— Sinto que há mais.

— Bem — disse ela e respirou fundo —, Avery, eu sei que tu adoras o Arbutus, e sei que é tão especial para ti como é para mim.

— Claro. — Zero hesitações.

— A moradia no bairro da Layla é mais cara do que a minha casa aqui, por muito. As casas em Vancouver são bastante caras.

Já tinha ouvido falar disto. Até na Ilha de Vancouver os preços estavam a subir. Jovens famílias tinham dificuldade em comprar casas sem a ajuda dos pais. Eu sabia do problema, mas não estava preocupada porque não tinha intenção de comprar uma casa em breve. O meu único foco era poupar para comprar o Arbutus um dia.

— Vais vender a tua casa de cá? — perguntei-lhe.

Ela acenou e comprimiu os lábios.

— Vou pô-la à venda amanhã. Vai ser difícil deixar a casa onde morei durante trinta anos, mas chegou a altura. — Ela sorriu-me de novo e anuiu. — E também vou vender o restaurante.

O meu coração parou. Pestanejei.

— Vender o restaurante?

Ela acenou com a cabeça, observando-me.

— É esse o plano. O meu consultor financeiro acha que é melhor vender os dois para pagar a moradia. — Acenou novamente para si mesma. — E eu estou pronta. Chegou a altura da próxima fase da minha vida, ser avó. — Sorriu.

— Tenho de perguntar, a quem o vais vender?

— A ti, se estiveres interessada. — Viu-se uma centelha nos seus olhos. Fiquei boquiaberta.

— Claro que estou interessada!

Ela riu-se. Nunca faláramos sobre eu comprar este sítio, mas sempre pareceu haver um acordo silencioso.

— Esperava que dissesse isso — disse ela, bebendo outro gole de chá e sorrindo-me por cima da sua chávena. — Fiquei desiludida quando a minha Layla não quis ter nada a ver com o restaurante, mas tu entraste de rompante e foste a resposta às minhas preces.

Os meus olhos ardiam e sorri-lhe. Trabalhei na restauração durante cinco anos antes de vir para aqui e nunca encontrara um mentor como a Keiko, alguém que era simpático com a sua equipa, alguém que me ensinou tudo sobre como tomar conta de um restaurante. Ouvi-la dizer-me que queria que eu comprasse o Arbutus motivava-me ainda mais para a fazer ter orgulho de mim.

Lembrei-me de uma coisa. Teria poupado o suficiente para pedir um empréstimo? Pensava que tinha mais tempo. Pensava que a Keiko se iria reformar daqui a cinco ou dez anos. Era uma surpresa, mas eu conseguia resolver isto. Já lidara com surpresas antes e tinha tudo sob controlo. Eu ia comprar o restaurante.

— Espero que saibas que eu adoro este restaurante e que vou fazer tudo o que possa para garantir que é um sucesso — prometi, aproximando-me. — Irei ao banco amanhã. Vou falar com eles acerca de um empréstimo.

— Maravilhoso — cantarolou ela com um grande sorriso —, absolutamente maravilhoso.

Mais tarde, depois de acabarmos o nosso chá e de eu me despedir da Keiko, o meu olhar demorou-se na fotografia emoldurada na secretária do meu escritório, de mim e da minha mãe, tirada há cerca de vinte anos. Passei o polegar pela fotografia e estudei o seu rosto jovem e sorridente, cheio de esperança e otimismo. O meu pai tirara a fotografia no dia de abertura do restaurante dela, antes de tudo ter descambado.

Isso não aconteceria comigo. Iria garanti-lo. Ninguém me tiraria as rédeas. Aprendera a minha lição vendo os meus pais.

Voltei a pousar a fotografia na secretária, fechei tudo e regresssei ao meu pequeno e reles apartamento. A chuva e o vento haviam parado e o ar tinha um cheiro saturado e térreo. Eu morava num estúdio de uma casa a poucos quarteirões do restaurante. O senhorio subdividira a casa em cinco unidades diferentes e era frequente arrendá-las a pessoas que viessem trabalhar para Queen's Cove na época alta. Era uma da manhã e eu conseguia ouvir música dos vizinhos de baixo através do chão. Os inquilinos deste verão gostavam de festas.

— Olá, espelunca — murmurei quando atirei a minha mala e as chaves para o balcão da acanhada cozinha. Vivera em apartamentos sempre que morara em Queen's Cove e, por a renda ser barata, não tinha qualquer intenção de me mudar. Mas tinha aquilo por que pagava. Havia manchas de humidade no teto, a tapete estava gasta e fina e quase conseguia ouvir o meu vizinho debaixo respirar. Tenho a certeza de que eles também me ouviam sempre que eu tossia ou espirrava.

O meu estômago roncou e apercebi-me de que deixara o meu jantar no balcão do bar, no restaurante. Peguei no telemóvel e encomendei uma pizza.

Depois de o meu estômago estar cheio e de ter tomado banho, meti-me na cama. As palavras da Keiko repetiam-se na minha cabeça e eu abanava os dedos dos pés com o entusiasmo. Sorri para mim mesma no escuro. Após tantos anos de trabalho duro, ia comprar o restaurante. Esta era a minha oportunidade e não ia deixar que ninguém se pusesse no meu caminho.

## Capítulo 2

### *Emmett*

O local das obras estava numa agitação quando eu cheguei. Há duas semanas, as equipas alicerçavam as fundações com cimento, mas agora a estrutura estava montada e os homens e mulheres com capacetes de segurança e botas de biqueira de aço movimentavam-se pelos corredores com ferramentas e projetos na mão. Daqui a três meses, este local abrirá como o novo espaço comunitário de Queen's Cove.

— Olá, Emmett — disse a Sandra, uma das nossas engenheiras civis, enquanto passava. — O Holden está no átrio.

— Obrigada, Sandra. E aquele jogo ontem à noite? — Sorri para ela. A sua adorada equipa de hóquei, os Toronto Maple Leafs, perdera contra os Vancouver Canucks no prolongamento na noite anterior.

— Não quero falar sobre isso — respondeu, fingindo uma cara triste.

Eu ri e despedi-me antes de entrar. Enquanto atravessava o local, tomava notas do progresso do trabalho. Avistei o Holden e acenei para lhe chamar a atenção e depois gesticulei para que ele me seguisse para o exterior, onde estava mais calmo.

O meu irmão Holden controlava o local de construção e eu era o homem dos negócios. Enquanto ele percorria os diferentes locais, gerindo as equipas e trabalhando com os empreiteiros, eu estava no escritório, tomando conta das finanças. Ocasionalmente, as nossas tarefas sobrepunham-se, como quando precisávamos de fazer o orçamento de um grande trabalho ou

quando nos encontrávamos com potenciais clientes. O Holden não era um homem amigável. Dos quatro rapazes Rhodes, ele era o mais rabugento. O Wyatt e o Finn eram quase tão afáveis como eu. Quase. Eu era o charmoso. Sempre fora. Gostava de pessoas, gostava de falar com elas e de resolver problemas, e de as fazer felizes. O Wyatt tinha uma loja de *surf* e treinava para ser surfista profissional, e o Finn era bombeiro, passando frequentemente os verões pela província, lutando contra os incêndios florestais.

Eu e o Holden vingámos nesta cidade com a Rhodes Construction. As pessoas ficaram desconfiadas quando voltei da universidade com um mestrado em Gestão Empresarial e um curso em Ciências Ambientais e convenci o Holden a abrir uma empresa comigo. Dois irmãos, de vinte e três e vinte e dois anos, abrem uma empresa de construção sem clientes? Boa sorte. Mas o Holden trabalhara na construção durante quatro anos e vira como a concorrência era desorganizada e de baixa qualidade. Eu percebia como as alterações climáticas estavam a afetar o nosso planeta e sabia que tínhamos uma oportunidade para oferecer soluções aos clientes que lhes iriam poupar energia e dinheiro. A Rhodes Construction nasceu e nunca olhámos para trás desde então. Os primeiros anos não foram fáceis, mas conseguimos dar a volta aos cétricos.

Ele enviara-me uma mensagem hoje de manhã que dizia: Liga-me. O meu irmão era um homem de poucas palavras, por isso não fiquei preocupado e o local das obras ficava a caminho do nosso escritório, pelo que passar por lá era conveniente. Além disso, gostava de visitar os locais de construção, de cumprimentar as equipas e de mostrar a cara. O nosso negócio crescera com os dois, mas eu não queria ser uma daquelas pessoas que se escondia no escritório enquanto toda a gente fazia o trabalho por ela. Isso não era liderança. Liderança era aparecer, conhecer os funcionários e saber os detalhes do negócio.

— Está tudo bem? — perguntei enquanto tirávamos os tampões dos ouvidos.

Ele encolheu os ombros.

— A SparkPro não apareceu hoje de manhã e não estão a atender as chamadas.

A SparkPro era uma empresa de eletricidade que usávamos quando os nossos eletricitas estavam ocupados com outros projetos.

Franzi a testa.

— O Cal confirmou que a equipa viria hoje. — Tirei o telemóvel do bolso e verifiquei os *emails* até encontrar o que procurava. — Terça-feira de manhã, às sete em ponto. Seis eletricitas.

O Holden levou as mãos ao ar e encolheu os ombros, como se dissesse: *Não sei o que te diga.*

— Tenho de começar a instalar os cabos hoje ou a equipa vai ter de trabalhar horas extra para nos mantermos dentro do prazo.

— Eu ligo-lhes.

Isto já acontecera. Tinha uma ideia do que se passava, mas não queria dizer nada antes de ligar ao Cal.

— Se eles não aparecerem, tenho de ligar a outra pessoa.

— Não ligue a ninguém. Vou falar com eles agora e resolver isto.

Passei pelos meus contactos até encontrar o Cal.

— SparkPro — disse o homem mais velho numa voz arranhada. Ele era fumador há muito tempo e a sua voz parecia gravilha.

— Cal, é o Emmett.

Ele grunhiu um cumprimento. O Cal não fazia conversa fiada, por isso fui direito ao assunto.

— Estávamos à espera dos teus eletricistas esta manhã às sete — disse num tom preocupado. — Aconteceu alguma coisa? Ou se calhar eu não recebi algum *email* teu?

Nos meus anos de trabalho com centenas de clientes, equipas e temperamentos, aprendi uma coisa: assume ingenuidade. Tinha uma pequena suspeita de que outro cliente teria atirado dinheiro ao Cal para conseguir que os eletricistas fossem ao seu local de construção e o Cal esquecera-se convenientemente de me avisar. Mas os eletricistas eram escassos na nossa pequena cidade e precisávamos do pessoal do Cal para manter o nosso trabalho dentro dos prazos.

— Houve um imprevisto.

— Hum. — Saí do caminho quando alguns membros da equipa moveram vigas para o espaço comunitário. — Bem, o problema, Cal, é que precisamos de começar a instalar os cabos hoje ou vamos ter de atrasar tudo o resto. Demos-te a nossa palavra em como serias tu o nosso eletricista e queremos que se mantenha. O teu pessoal faz trabalho de qualidade. Não conheço os outros eletricistas e não gosto de usar pessoas que não conheço.

Deixei isso assentar por um momento. Estava prestes a perguntar ao Cal o que poderia fazer para que resultasse, mas ele soltou outro grunhido de reconhecimento.

— Estarão aí em menos de uma hora — prometeu.

— És um bom homem, Cal. — Despedimo-nos e depois desligámos.

Encontrei o Holden a rever os projetos com os arquitetos.

— A SparkPro estará cá dentro de uma hora. Liga-me se não chegarem até ao meio-dia.

Ele acenou.

— Obrigado.

— Sem problema.

Dei-lhe uma palmada no ombro, com orgulho a vibrar no meu peito. Adorava resolver problemas como este. Adorava quando conseguia acalmar a situação e deixar toda a gente feliz.

O Holden virou-se para mim.

— Esqueci-me de perguntar, correu tudo bem com o Will hoje de manhã?

O meu bom humor rebentou como um balão e a minha boca compri-miu-se numa linha firme quando acenei.

— Sim.

O Will era o meu melhor amigo. Tínhamos crescido como vizinhos um do outro aqui em Queen's Cove. Hoje de manhã, o Will, a mulher dele e a sua filha de quatro anos, Kara, mudaram-se para Victoria, uma cidade a três horas de distância. O meu peito apertava-se sempre que pensava sobre isso. Não estava certo.

— Ele e a Nat precisam de alguma ajuda com a casa?

Abanei a cabeça.

— Tratei de tudo. Os inquilinos mudam-se para lá amanhã.

Ele acenou, pensativo.

— Que treta.

— Sim. Vejo-te mais logo.

Dirigi-me novamente ao escritório, caminhando em vez de conduzir uma vez que eram apenas alguns quarteirões e eu gostava de ver a cidade desta forma. Afastei da cabeça pensamentos sobre o Will e a família dele enquanto me aproximava da rua principal e me cruzava com várias pessoas. Cumprimentei o dono da livraria, conversei com uma professora do secundário e parei para cumprimentar a Keiko, a dona de um restaurante local.

— Está tudo bem depois da falha de energia de ontem à noite? — perguntei-lhe — Preocupa-me sempre que quando a eletricidade volte danifique alguma coisa na cozinha. Devias deixar a minha equipa dar uma vista de olhos para garantir que ficou tudo bem.

Nos anos sessenta, Queen's Cove tinha uma população com cerca de cinco mil pessoas. Com o peso adicional na nossa rede elétrica com os turistas no verão, e com as árvores altas a cair em cima dos postes de alta tensão durante as grandes tempestades de inverno, a cidade parecia estar a

sofrer mais falhas de energia, mais frequentemente. E, por vezes, duravam o dia inteiro.

A Keiko acenou com uma mão.

— Oh, sim. A Avery trata sempre de tudo.

Pois. A Avery Adams. O canto da minha boca levantou-se quando pensei em como ela ficara irritada quando lhe perguntei se precisava de ajuda.

A Avery Adams era uma pessoa curiosa. Trinta e poucos anos, cabelo castanho-avermelhado pelos ombros, corte escadeado e olhos muito azuis, da cor da caneta com que eu escrevia. Um ótimo corpo. Um sorriso lindo, apesar de nunca mo mostrar, só aos outros clientes e aos funcionários. Ela era bonita — mesmo bonita — e não me aturava, o que só me fazia querer ainda mais falar com ela.

Talvez por não ser comum as mulheres acharem-me irritante. Achavam que eu era engraçado, charmoso, prestável, interessante, bonito...

Mas nunca irritante.

Não sabia bem onde queria chegar ao irritá-la como fazia. Não era que eu quisesse uma relação. Eu não era como o Will.

O Will sempre fora um homem de família, mesmo quando éramos miúdos. Eu? Nem por isso. Tinha o meu negócio, tinha os meus amigos e tinha os meus irmãos e os meus pais. As relações tornavam-se complicadas.

Agora, se a Avery conseguisse fazer uma coisa do tipo mais casual, então teríamos um acordo.

— Emmett? — perguntou a Keiko, e eu tive a impressão de me ter dispersado enquanto ela falava. — Como está a Kara?

— Quem?

— A Kara. Como é que ela está com as mudanças?

O meu coração afundou-se de novo e pensei na Kara a crescer em Victoria, longe dos seus avós e de todas as pessoas que haviam ajudado o Will e a Nat a criá-la. Queen's Cove era a vila que se comprometera a criar a Kara, tal como a todos os que tinham crescido aqui.

— Pareceu estar bem — disse à Keiko, pensando no Will a partir esta manhã com a Nat no lugar do passageiro e a Kara a acenar-me do banco de trás.

— A falha de energia de ontem à noite apenas reforçou a decisão deles de partir.

Lembrei-me do dia em que o Will me disse que a Kara estava doente. Era insuficiência renal e os médicos estavam a pô-la em hemodiálise até conseguirem encontrar um dador. Essa fora uma noite má. Sentei-me com o Will na mesa da cozinha dele enquanto encontrava conforto no fundo de uma

garrafa, uma indulgência rara para ele. Não era justo, mas não havia uma única coisa que pudéssemos fazer.

Pensava que estavam a lidar bem com a hemodiálise. Não era ideal, mas estavam a lidar com isso. Depois a Nat descaiu-se e disse que as falhas de energia causavam outra camada de *stress* na vida deles, que já estava virada do avesso. O Will comprara a casa dos pais dele e os cabos eram velhos. Tinham instalado um gerador, mas uma falha danificara-o. Eram só problemas, e, por fim, desistiram.

O meu peito apertou-se com frustração. Odiava que não houvesse uma única coisa que eu pudesse fazer quanto a isto.

Passara os anos a construir uma empresa de construção de sucesso com o meu irmão. Começáramos do zero, tinha conseguido uma boa vida. Estava a meio dos trinta anos, tinha um bom carro e uma casa linda e construída à medida. Tinha mais dinheiro do que precisava, mas estava impotente quanto a esta situação, e não podia fazer nada para os ajudar.

A Keiko percebeu como me sentia e afagou-me o braço.

— Vai ficar tudo bem.

Acenei-lhe que sim, mas não tinha certezas quanto a isso.

— Obrigado. Tenho de ir andando. Até logo, Keiko.

Dirigi-me ao escritório, ao fundo da rua, pensando constantemente nas falhas de energia. Elas afetavam toda a cidade, não só o Will e a Kara. Todos os negócios tinham de fechar ou encontrar uma solução. Todos os residentes eram obrigados a ter as suas lanternas prontas a usar sempre que uma árvore tombava. Sempre fora assim, desde que me lembrava.

Cheguei à Câmara Municipal e franzi as sobrancelhas para mim mesmo. As falhas de energia nunca eram discutidas nas reuniões da Câmara. Ninguém parecia estar tão frustrado com as falhas como eu. Todos simplesmente aceitavam que isto fazia parte de viver em Queen's Cove e que não o podíamos mudar.

Mas havia uma pessoa que podia.

— O Isaac está disponível? — perguntei à rececionista da Câmara, uma jovem a mascar pastilha elástica e a olhar para o seu telemóvel.

Ela encolheu os ombros.

— Provavelmente. Entre.

— Obrigado. — Mostrei-lhe um sorriso de gratidão antes de entrar no escritório atrás dela.

O Isaac Anderson, presidente de Queen's Cove há uma década, encontrava-se à secretária, a ler o jornal local. Olhou para cima surpreso quando eu entrei.

Tinha quarenta e poucos anos, era sempre simpático com toda a gente, mas havia algo nele que me incomodava. A sua mulher nunca falava, apenas sorria ao seu lado. Ele estava sempre perfeitamente arranjado — não havia um único cabelo fora do sítio. Os filhos eram tão bem-educados que pareciam robôs. E, na última década, nada parecera mudar na nossa cidade.

— Emmett. — Piscou os olhos. — Tínhamos uma reunião?

Abanei a cabeça.

— Não, pensei só passar por cá para conversarmos.

O Isaac voltou a piscar os olhos e pousou o jornal, inclinando-se para verificar o calendário.

— Claro, mas acho que tenho uma reunião em breve...

— Isto não vai demorar. — Sentei-me à frente dele. — Vamos falar sobre as falhas de energia.

As suas sobrancelhas levantaram.

— Está bem. O que têm?

— O que está a cidade a fazer para as corrigir?

Ele fez um ar severo e abanou a cabeça.

— Emmett, como sabe, a nossa rede elétrica é dos anos sessenta. Simplesmente não foi concebida para tantas pessoas viverem aqui.

Gesticulei para que continuasse.

— E?

— E isso significa que não temos sorte. — Encolheu os ombros. — O que se há de fazer?

Carreguei o sobrolho.

— As cidades expandem-se a toda a hora. Eu não sou engenheiro elétrico, mas não se pode melhorar a rede elétrica?

Ofereceu-me um olhar solidário.

— Isso teria muitos custos. Não há nada que possamos fazer.

Carreguei mais o sobrolho. A sua primeira frase provava que a segunda estava errada. Observei-o a recostar-se de novo na cadeira, com uma expressão resolvida.

— Há pessoas a sair da cidade — disse-lhe. — A cidade gastou dinheiro num novo centro turístico há dois anos, mas não pode gastar dinheiro nos próprios habitantes?

O Isaac voltou a encolher os ombros e a abanar a cabeça.

— O que quer que lhe diga, Emmett? Estou de mãos atadas. Considere apenas que faz parte do charme da nossa pequena cidade.

Era como se ele não o quisesse corrigir. O meu peito apertou-se de

irritação. O papel do presidente era tomar conta da cidade e das pessoas trabalhadoras que nela viviam. O Isaac parecia não querer saber da cidade nem das pessoas. Calei-me e levantei-me.

— Obrigado pelo seu tempo. — A minha voz soou brusca.

Passei o resto da manhã no meu escritório com a porta fechada, tratando da papelada, dos *emails* e de chamadas para clientes. Concentrei-me e trabalhei para afastar os pensamentos do Will, do Isaac e das falhas de energia.

— Ei, Div — chamei pela porta aberta do meu escritório nessa tarde.

Ele apareceu à entrada do escritório, com o telemóvel pronto a usar.

— Sim?

O Div, diminutivo de Divyanshu, tinha vinte e poucos anos e usava fato completo todos os dias. Eu dissera claramente que ele não tinha de usar fato no trabalho, mas ele insistira. O Div era um bom assistente — pontual, com memória de elefante, entendido nas tecnologias e sabia muitas vezes a minha agenda sem consultar o meu calendário. Por mim, podia vestir o que lhe apetecesse.

— O Holden já submeteu as faturas dele? — perguntei-lhe.

O Div apontou para um canto da minha pequena secretária.

— Estão ali.

— Ah. Obrigado.

Agarrei nos papéis e folheei-os até encontrar o que procurava.

— Vou pedir almoço.

— Nada para mim, obrigado. Olha, podes enviar ao Cal da SparkPro uma garrafa de uísque de que ele goste?

Ainda faltavam seis meses para acabar o projeto do espaço comunitário. Ficar nas boas graças do Cal podia prevenir mal-entendidos como o desta manhã.

No fundo da pilha das faturas do Holden estava uma revista de negócios a que eu dera uma entrevista há uns meses. Estremeci ao ver a minha fotografia na capa, encostado ao corrimão de uma das nossas casas feitas por encomenda. O Holden nunca quis estar envolvido neste tipo de coisas, portanto tratava eu disso. Eu também não queria estar envolvido, mas ajudava com a nossa reputação e com o negócio. Tínhamos funcionários para manter a trabalhar e bocas para alimentar.

— A tua mãe quis dez cópias — disse-me o Div. Não se atreveu a rir, mas os seus olhos brilharam.

Revirei os olhos com uma risada e atirei a revista para a reciclagem enquanto o Div saía para atender uma chamada.

O meu *email* soou com uma *newsletter* do jornalista da cidade. Ele reformara-se há uns anos, mas mantinha um *blog* com os eventos da cidade.

Um dos artigos mencionava o Will e a família dele. Prendi o olhar numa fotografia da Kara, agarrando um boneco de peluche que eu lhe comprara. Um panda. Eu sorri. Ela estava tão querida, com o dente da frente em falta. O meu peito apertou-se quando me apercebi de que esta seria a minha relação com o Will e a família dele num futuro próximo — fotografias, mensagens, *emails* e videochamadas.

Não estava certo, a Kara crescer numa cidade a três horas de distância. Tanto os pais do Will como da Nat viviam aqui, todos os amigos da escola dela estavam aqui e o meu coração partia-se de cada vez que pensava que ela não ia ter a infância descontraída numa pequena cidade que eu tivera.

Pensava na Nat e o meu peito sofria por ela. A Kara era o seu mundo e ela estava mesmo a tentar criar uma ótima vida para a filha. Apesar de não ter falado comigo sobre isto, eu sabia que mudarem-se era difícil para ela. Também não queria partir, mas era a escolha certa para a família deles.

Eu tinha de corrigir isto.

Continuei a ler a revista e algo chamou a minha atenção.

*Eleição autárquica agendada para 2 de julho.*

Franzi o sobrolho ao tentar recordar-me das últimas eleições que havíamos tido, mas não me lembrei de nada.

— Div — chamei pela porta.

— O que foi? — gritou ele de volta, aparecendo à entrada momentos depois.

— Quando foram as últimas eleições autárquicas?

— Há cerca de quatro anos. — Ele encolheu os ombros. — Esta cidade tem uma baixa afluência às urnas.

— Porquê?

— O Isaac não faz campanha porque nunca ninguém se candidata contra ele.

Surgiu-me uma ideia. O dinheiro vinha à cidade durante o verão — por ser um destino turístico popular com alojamentos e restaurantes de alto nível e a natureza mais bonita e pitoresca do mundo. Os negócios não conseguiam acompanhar o público no verão. Tanto os habitantes como os negócios pagavam milhões em impostos à cidade todos os anos e, ainda assim, a cidade nada fizera quanto às falhas de energia.

Se o Isaac Anderson continuasse como presidente, nada mudaria. A velha e ultrapassada rede elétrica continuaria a sofrer falhas de energia e o Will e a sua família nunca regressariam à cidade.

Tive uma ideia. Sorri para o Div.

Ele franziu o sobrolho com preocupação.

— O que foi? O que foi agora?

— Tenho uma excelente ideia.

As narinas dele expandiram.

— Emmett, seja o que for, vou ter de te pedir para pensares sobre isso por um momento. Por vezes, podes ser um pouco impulsivo de mais...

— Vou candidatar-me a presidente.

A cabeça dele descaiu até ao peito.

— Aqui está.

Acenei, a minha mente cheia de ideias.

— Sim. Parece-me acertado. Vou candidatar-me a presidente. Liga às gráficas, ao *designer* e vamos pôr esta campanha em andamento. Oh, e acho que devíamos avisar a Câmara.

O Div olhou para mim durante muito tempo antes de suspirar.

— Vou tratar disso.

— Obrigado, Div — gritei-lhe enquanto ele regressava à sua secretária.

De repente, este dia já não parecia ser assim tão terrível. O Will foi-se embora da cidade, é verdade, isso foi um mau começo, mas eu tinha um plano. Ia corrigir isto.